

Alfabetização para F70, TDA(H) e TEA

Pelo

Método MAMA de Alfabetização MMA

Mario Manhães Mosso

Março – 2026



**Alfabetização para F70, TDA(H) e TEA pelo Método
MAMA de Alfabetização MMA**

Mario Manhães Mosso

Março – 2026



Ficha Catalográfica

MOSSO, Mario Manhães. / Alfabetização para F70, TDA(H) e TEA pelo Método MAMA de Alfabetização MMA

106 páginas – Rio de Janeiro, Petrópolis 2025

Editor Letras e Versos

ISBN 978-65-5909-778-4

Educação Especial CDD 371.9

1. Educação 2. Alfabetização 3. Educação Especial 4. Alfabetização PCD 5. CID F70 6. TEA CID 11 (6A02) 7.TDA(H) CDI 10 (6A05)

Copyright: Mario Manhães Mosso

mariomanhaes@yahoo.com.br

Esta obra, ou suas partes, PODE ser copiada sem o consentimento por escrito do autor.

Capa: Cesar Mattos

DEDICATÓRIA

A todas as crianças.

Aos F70, TDA(H) e TEA.

Aos pais e avós.

Aos verdadeiros professores.

O início é tudo.

O durante é tudo.

O depois é tudo.

Agradecimentos

Muito obrigado, Robson e Guilherme, que me permitiram iniciar meu trabalho de alfabetização com F70.

Também às senhoras Talita e Débora, por me apresentarem João e Miguel.

Vocês ajudaram a todos e me fizeram aprender muito.

Petrópolis, 3 de março de 2026.

O autor.

Outras Obras do Autor

1. Professor Avançado e Consultor Palestrante - BEM
2. Alfabetização – Psicomotricidade Fina, Escrita Cursiva, Escrita Bastão, Garatujas – BEM Boss
3. Alfabetização – utilizando a *Cousive Brazil* para leitura e escrita – BEM
4. Ensaio em Educação, Alfabetização e Psicomotricidade – BEM
5. O Sucesso Sullivan – Marketing, Estratégia e Pessoas – Qualitymark (coautoria)
6. Pequena Empresa e Empreendedorismo – Eternamente Fênix – Qualitymark
7. Teoria Geral e Administração Avançada – HP
8. Administração de Guerra Sun Tzu Maquiavel Musashi Jomini Clausewitz - ESC
9. Administração para Funções Administrativas - ESC
10. Transporte – Gestão de Serviços e Alianças Estratégicas – Interciência
11. Administração e Modelo de Gestão - HP
12. Administração Avançada – Teoria Geral, Cenários e TGE - Interciência
13. A Lua ou um Menino – método de alfabetização em 7 dias – ESC. Download gratuito em:
www.mariomanhaes.com.br/livros/a-lua-ou-um-menino
14. Poesias – dos Admiráveis, dos Loucos, dos Humanos – ESC
15. O Livro de Tatiane – ESC
16. Ambiente, Educação e Gestão – Contos Fortes – ESC
17. Quem tem pena é gordo – ESC/SARAIVA

- 18.Gestão do Conhecimento – Publit (coautoria)
- 19.Super-heroi Valor – ESC
- 20.Planejamento Estratégico Educacional – ESC
- 21.Educação do Hábito – 5000 anos em 5 – ESC
- 22.Introdução à Estratégia em Qualidade – ESC
- 23.Alfabetização até os 7 – A Vantagem Competitiva entre as Nações – BEM
- 24.Guia de Letramento e Alfabetização – WAK (coautoria)

Corrume o estoque seco

Arrume o estoque seco

Frase de um F70

Eu chorei quando eu vi que meu cabo de celular estava quebrado.

História de um F70

Era uma vez, quando eu fui dar um chapéu de time. Eu comprei um chapéu do Corinthians para ele, mas ele era vascaíno.

Prefácio

Sabemos do desgaste, da perseverança, do amor necessários para alfabetizarmos uma criança ou um adulto. Mas quando se trata de uma pessoa com a inteligência abaixo do normal ou com dificuldade de manter a atenção e o equilíbrio para o aprendizado, o desafio não é dez vezes maior: é cem vezes maior. E alguns conseguem. Alguns pais, avós ..., com a força dos anjos e amor infinito.

Poucos professores chegam ao final. Só muita força para isso. Para que isso, então? Porque eles precisam; os perigos do mundo, a qualidade de vida almejada, a segurança, ou só a sobrevivência.

Quem tocou nesse livro parece ter as características para levar a cabo o trabalho de ensinar um F70, um TDA e um TEA a ler. Demorei duas décadas para fechar essa sugestão de método a esse grupo. É uma modificação do Método MAMA de Alfabetização (leitura), que nasceu praticamente no ano 2000. Só veio à tona pela graça de ter sido solicitado a alfabetizar um F70. Depois vieram o TDA(H) e o TEA. E foi uma experiência tremenda, que passo em resumo aqui e conectando ao método.

Sim, é verdade. Talvez eu seja egoísta por ter priorizado as maiorias pobres e não as minorias necessitadas. E espero me redimir um pouco dessa falha, aqui.

20 de março de 2026. O autor.

Sumário

Pg.

- 1.Alfabetização para F70, TDA(H) e TEA, 15**
- 2.Como aplicar o Método MAMA de Alfabetização Leitura, 16**
- 3.O que são pessoas com TDA(H), TEA e F70, 18**
- 4.Saltos na leitura, 22**
- 5.O Início – Fase 1, 23**
- 6.Fase 2, 32**
- 7.Reduzindo confusões, 43**
- 8.Fase 3, 45**
- 9.No caso de haver um computador, em casa ou no trabalho, 51**
- 10.Fase 4, 56**
- 11.Fase 5, 64**
- 12.Fase 6, 68**
- 13.Fase 7, 74**
- 14.Um pouco de discussão, 80**
- 15.Mundo e Micromundo, 85**
- 16.Dar UM motivo supera o método, 88**

17.Conclusão e novos estudos, 103

Bibliografia Física e Telematizada, 105

1. Alfabetização para F70, TDA(H) e TEA

Em determinado momento, fui procurado por um ex-aluno para alfabetizar seu filho. Neste ponto, o Método MAMA já tinha mais de vinte anos de operação e já havia passado por todos os tipos de pessoas, de todas as idades e condições financeiras. Mas o filho dele era um F70.

A despeito do meu contato com professores psicoterapeutas, de psicologia, pedagogos e psicomotricistas, meu conhecimento era pequeno sobre a questão. Desta feita, seria certamente uma experiência que acarretaria muita observação e diversas modificações no método. Mas como ele é extremamente simples, poderia dar certo.

Então, começamos.

Para mim, era um ambiente novo, não somente na questão metodológica, mas principalmente na relação com o aluno.

Em seguida, tive uma experiência com uma criança e um jovem, ambos com TDAH, e, por fim, já mais afinado com as questões relacionadas ao tema, percebi que as adaptações poderiam também ser estendidas às crianças com TAE. Certamente faltam outras questões relevantes, com dislexia e outros níveis dentro de cada grupo. Foi quando achamos por bem publicar esse material, para dar alguma contribuição principalmente aos pais e avós que têm o sonho

de alfabetizar suas crianças e dar a elas maiores chances, para quando não estiverem mais aqui para protegê-las.

Assim, esta obra mistura o método e sua aplicação ao cotidiano desses tipos de alunos.

2.Como aplicar o Método MAMA de Alfabetização / Leitura

Este livro não é o Método MAMA de Alfabetização. Trata-se da adaptação do método. Esta obra ficaria demasiadamente grande se aqui colocássemos todo o Programa MAMA. Portanto, quando o leitor tiver a coragem e a disposição de aplicar este programa adaptado, poderá baixar (gratuitamente) o Método MAMA de Alfabetização, onde consta todo o material, que consiste em: ensino, jogos e leitura, do site:

<https://mariomanhaes.com.br/livros/a-lua-ou-um-menino/>

Em seguida, poderá aplicar as adaptações aqui presentes. Muito provavelmente, o responsável e o professor ainda sentirão a necessidade de outras adaptações, não tanto na sequência, mas no volume de repetições e na prática, como será visto adiante.

Entretanto, colocaremos algumas partes do MAMA original que serão necessárias para o entendimento do processo e para facilitar os professores. Assim, todos podem iniciar o ensino mesmo sem baixar o método original.

A primeira letra utilizada nesse processo foi a *mamaequenosfaz*, porque a *Cursive Brazil* ainda estava em desenvolvimento. Falaremos pouco dos dilemas entre usar a bastão ou a cursiva. Atualmente, utilizamos mais a *Cursive Brazil*, em todos os casos: crianças, idosos, crianças africanas muito carentes, F70, TDA(H) e TEA, no modelo de sete encontros, no modelo de quatorze encontros e nos mais longos, para darmos oportunidade de todos chegarem ao topo do conhecimento. Isso será entendido mais adiante também.

Esta é a *mamaequenosfaz*

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

Esta é a *Cursive Brazil*

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

Esta é a letra de forma. Abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

E ESTA É A BASTÃO. ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTU...

A *Cursive Brazil* é uma fonte livre (gratuita) e está disponível para download e com instruções de como colocar no Word de seu computador em: www.mariomanhaes.com.br na aba livros, livro A Lua ou um Menino – Método MAMA de Alfabetização.

3.O que são pessoas com TDA(H), TEA e F70

Daqui para frente, quando falarmos do aluno com F70, diremos “o F70”, assim como utilizaremos “o TDA(H)” e “o TEA”, apenas para facilitar, pois repetiremos muito.

O TDAH teve como primeira referência Hoffmann Struwpelpeter, em 1854, na Alemanha, e sua primeira descrição no jornal médico Lancet, em 1902, pelo pediatra George Still¹.

O TDA(H) (Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade) é mais frequente na adolescência e em meninas. Mas mesmo com o tipo prevalente no sexo feminino tendo como característica preponderante a desatenção, isso

¹ ROHDE, Luis A. e HALPERN, Ricardo. Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade: atualização. Hospital Federal do Rio Grande do Sul, Hospital das Clínicas e Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre. Rio Grande do Sul, 2004. <https://doi.org/10.1590/S0021-75572004000300009>

não é menos percebido ou menos notificado. A base sintomática do TDA(H) é: a desatenção, a hiperatividade e a impulsividade.

Fica óbvio que, em relação à atenção, precisamos:

- 1) Trazê-la
- 2) Mantê-la
- 3) Retirar ou diminuir tudo que a prejudique

A questão da hiperatividade já parece mais complexa, porque ela pode ser uma força. Então, até que ponto devemos pensar em reduzi-la invés de utilizá-la ou de a redirecionar para algo positivo?

A impulsividade, na maior parte das vezes, deve ser reduzida. Dizemos “na maior parte” porque reduzir ou esconder o impulso faz com que não entendamos o verdadeiro peso das coisas para uma pessoa, o que atrapalha nosso diagnóstico. E em se tratando dos três casos, F70, TDA(H) e TEA, os mecanismos para a redução da impulsividade podem atrapalhar mais do que auxiliar no processo de aprendizagem. Portanto, não nos encontramos com a capacidade e conhecimento para tentar gerenciar tal característica.

Para direcionar a hiperatividade através de adaptações do Método MAMA, para o aprendizado, tínhamos de diversificar e, ao mesmo tempo, não tirar o foco. Para tanto, ampliamos a carga dos desenhos e da escrita, sempre conectados aos módulos aprendidos.

Pessoas F70 são aquelas inseridas no grupo de Deficiência Intelectual (DI) de CID (Código Internacional de Doenças) 10 e sua realidade é de presença de retardo mental. O F70 apresenta um QI (Quociente de Inteligência) entre 50 e 70 (retardo leve), sendo 70 o QI médio da população. É prevalente em homens².

A característica dessa deficiência é a limitação intelectual e do comportamento adaptativo. Linguagem, leitura e escrita são habilidades adaptativas e, na parte intelectual, temos o raciocínio e a aprendizagem rápida como elementos mais impactantes na alfabetização.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) caracteriza-se por problemas na comunicação social e restrita e por comportamentos sensório-motores repetitivos, variando bastante de paciente para paciente. Insistência em manter os mesmos processos, sempre, adesão inflexível a rotinas ou padrões ritualizados de comportamento verbal e não-verbal (por exemplo, angústia extrema com pequenas mudanças, dificuldades com transições ou padrões de pensamento rígidos)³.

² DUARTE, Regina Célia Beltrão. Deficiência Intelectual na Criança. Residência Pediátrica (Publicação Oficial da Sociedade Brasileira de Pediatria). Belém PA, 08/2018.

³LORD, Catherine, ELSABBAGH, Mayada and BAIRD, Gillian. **Autism Spectrum Disorder**. The Lancet / Elsevier / Sciencedirect. [Volume 392, Issue 10146](#), 11–17 August 2018, Pages 508-520.

Em todos os casos, mas principalmente no TEA, a questão de estabelecer um relacionamento e manter o processo de comunicação é um elemento crítico. Assim, o tempo gasto para se estabelecer tal relacionamento é fundamental para não se gastar muito mais tempo no processo completo.

Esse é um método para os pais, não para os professores. Porque se fosse para professores, tornaríamos o método inviável para a maioria das famílias. Afinal, é muito caro pagar um professor para alfabetizar somente o seu filho: um professor para uma única criança. Isso só é possível para aqueles que têm uma situação financeira muito boa. Evidentemente, o método pode ser aplicado por qualquer professor, mas, pela dificuldade de simetria, como cada aluno F70, TDA(H) e TAE é um universo muito particular, e pela questão financeira, preferimos focar nos responsáveis e não em professores.

<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0140673618311292>

4. Saltos na leitura

Não só a falta de atenção (TDA), como a preguiça e o cansaço podem gerar uma leitura apressada e consequentes saltos. Tais saltos podem prejudicar a compreensão. Porém estes saltos não podem ser confundidos com a metodologia de saltos de leitura, que é o oposto, quer dizer, a criança ou o jovem pula (*leap*) algumas partes por já ter entendido o conteúdo ou o que considera importante⁴.

Existem pesquisas na avaliação do processo de decodificação (leitura), na interpretação das mensagens e na escrita. Tais estudos confirmam o menor desempenho das crianças com TDAH⁵ e TEA.

Veremos, agora, a alfabetização (leitura) de crianças e jovens F70, TDA(H) e TEA.

⁴ Shultz Ashley, Gwendolyn, "The effects of great leaps reading on the reading fluency of elementary students with reading and behavioral deficits." (2021). Electronic Theses and Dissertations. Paper 3656. <https://doi.org/10.18297/etd/3656>

⁵ SILVA, Maria Luiz Quaresma Soares da. Desempenho em leitura e escrita de alunos com diagnóstico de TDAH. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Educação. Universidade Federal do Paraná. 2006.

5.O Início – Fase 1

O Guilherme teve duas semanas de aula comigo há dois anos atrás. Então, tive de recomeçar do zero, pelo método MAMA, avaliando o dia 1.

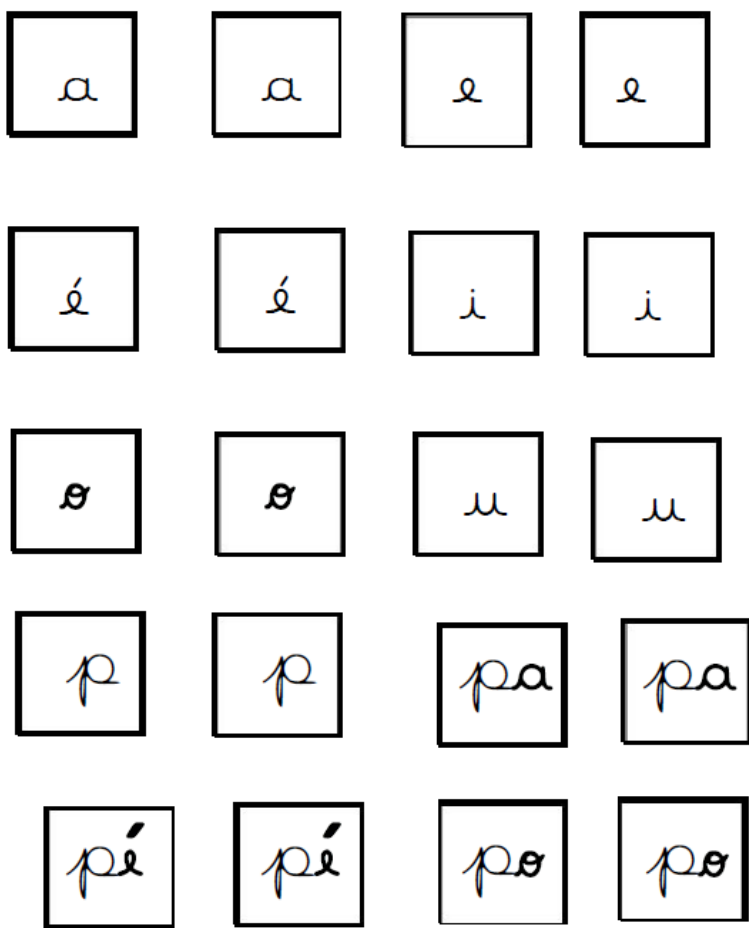
Ele não lembrava nem do “pa”. Só lembrava das vogais.

É compreensivo, afinal, só lembramos do que praticamos, e certamente ele não praticou em nenhum momento o “pa” em cursiva por esse período.

Parece impossível, mas se eu lhe perguntar em que ano foi a Guerra do Paraguai, provavelmente não saberá me dizer, não lembrará. Porque nunca mais você praticou isso.

O encontro “pa” está para ele com a Guerra do Paraguai está para nós, ou para a maioria de nós.

Isso leva a outro fato relevante, mais que isso, crítico: se, ao aprender a ler, ele não praticar a leitura sempre (não sabemos por quanto tempo), ele poderá esquecer tudo. Portanto, ler histórias e estórias assim como escrevê-las para outros F70, TDA(H) e TAE terá de ser mais uma ocupação ou profissão para ele. A não ser que ele tenha uma profissão que pratique a leitura e a escrita. Na realidade, nosso esforço só termina quando o aluno trabalhar em algo que pratique a leitura e a escrita. Até lá, teremos de manter as aulas ou as práticas, pelo menos dia sim, dia não.



Quadrinhos da Fase 1

Acima estão os quadradinhos para jogar a primeira fase.

No livro do método completo, os quadradinhos são maiores. Mas queremos aqui permitir que mesmo só com este livro, os responsáveis possam ensinar, para não terem de baixar o outro livro e imprimir os jogos e as leituras. Assim, daremos também uma explicação rápida sobre o jogo mais importante. O responsável conseguirá ensinar a ler com o que está aqui.

Nós cortamos ou rasgamos os quadradinhos (na África, eles rasgam, porque não têm tesoura, e jogam na terra), para fazer o jogo rápido.

O primeiro dia foi como o dia 1 do Método MAMA, com uma mudança: tirei o jogo da memória e ele fez só o jogo rápido. Porque ele (o F70) trabalhava e chegava já depois de uma grande jornada. O jogo da memória leva tempo e não estimula tanto quanto o jogo rápido. Assim, quando o aluno está cansado, melhor retirar o jogo da memória. Para o F70, o TDA e o TEA, retiramos o ensino com o jogo da memória, porque utilizando o máximo de tempo e de simplificação para todos, saberíamos que estaríamos incluindo também todos.

Lembrando que o método é: ensino, dois jogos, leitura. Assim, fizemos mais uma modificação em relação ao método tradicional: invés de ter a etapa (primeira) específica para ensinar os sons, ensinamos isso no próprio jogo, ficando ainda mais leve para a aluno. São sete fases, sendo uma semana para vencer cada fase, sem rigidez. Sugerimos três encontros para cada fase, por exemplo, segundas, quartas e sextas.

Vamos ao método adaptado. Funciona assim: depois de cortarmos todos os quadradinhos, ensinamos o que está escrito: colocamos o dedo no quadradinho e lemos (pa) etc. Também podemos fazer isso enquanto estamos cortando/rasgando os quadradinhos.

Agora vamos resumir o jogo rápido, que é a peça mais importante do método. Juntamos todos os quadradinhos, fazendo uma pilha. Viramos a pilha de cabeça para baixo. Então, o professor (mãe, avó, pai) pinça o quadradinho que está no topo da pilha e o vira rapidamente na mesa e fala o que está escrito, por exemplo, “a”, e bate no quadradinho ao mesmo tempo. Quem falar primeiro e bater primeiro fica com o quadradinho. E depois o professor pinça o próximo quadradinho da pilha e vira rápido também. E assim por diante. Quando acabar a pilha, quem tiver mais quadradinhos ganha o jogo. A aproveitamos para contar e ensinar matemática também.

As crianças adoram o jogo e jogam sem parar.

Alguns professores não cortam os quadradinhos. Apenas apontam para eles na folha até as crianças aprenderem e passam para a leitura. NÃO FAÇA ISSO! A criança perderá o prazer de ler, porque ficará muito cansada. Só com o jogo ela aprenderá feliz, se divertindo.

É comum no primeiro dia, com crianças normais, juntarmos o dia 1 com o dia 2, tudo de uma só vez, depois de fazermos apenas uma ou duas vezes a fase 1. Porque, para algumas crianças, é muito fácil e o dia 1 termina em quarenta minutos ou uma hora.

Os três alunos conseguiram terminar a leitura do dia 1, com dificuldade. Mas conseguiram. A leitura, lembrando, é a terceira etapa da aula (ensino, jogo, leitura), no MAMA tradicional.

Essa é a leitura do final da Fase 1.

a u au au oi oi

. _____/

. _____/

oi oi ai ai ai a

_____/

. . . . _____/

ai au oi pa i oi pa pa pai

e u papai eu eu pa pa

pé ai papai oi ai as oi pai

Super importante

MAIS UMA VEZ. Nunca pule o Jogo Rápido. NÃO VAI DAR CERTO! O jogo rápido é o momento em que a criança se diverte. As outras partes são cansativas. Aprender a ler é cansativo. JOGUE ATÉ A CRIANÇA GANHAR DE VOCÊ COM FACILIDADE. Estamos falando de dez a vinte vezes, dependendo da fase e da criança.

Qual é o momento da leitura? Quando ela estiver lendo todos os quadradinhos muito rapidamente, sem hesitação.

NÃO PULE. NÃO VAI DAR CERTO! E a criança pode passar a ter raiva dos livros.

Novamente, na aplicação de Emídeo Nérici, use no dia a dia.

Tinha de entrar na rotina do aluno. Como o F70 esquece rápido, ele precisa aprender rápido e repetir por muito tempo. O caminho foi seu trabalho. Consegui uma reunião com seu patrão, o gerente de um restaurante (franquia) de porte internacional. Foi muito gentil e prestativo. Dele tirei os principais comandos, as ordens, que o aluno recebia no dia a dia de trabalho e coloquei na cursiva e na letra bastão. Ficou assim:

Arrume as cadeiras

Arrume as cadeiras

Arrume o estoque seco

Arrume o estoque seco

Passe o esfregão

Passe o esfregão

Vá passar o esfregão

Vá passar o esfregão

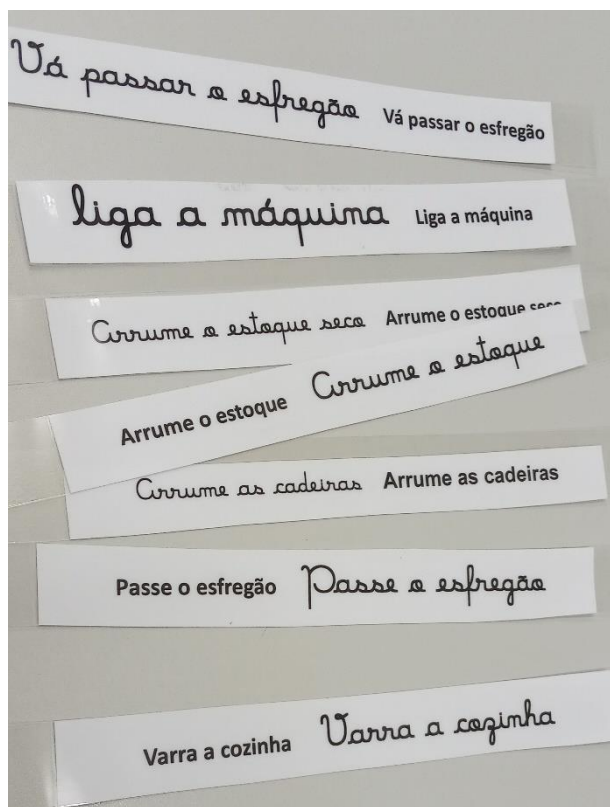
Varra a cozinha

Varra a cozinha

Liga a máquina

Liga a máquina

Foram cortadas em tiras de uma linha só, plastificadas e entregues ao chefe. A combinação era invés de dar a ordem oralmente, pedir pela tira, para ele treinar a leitura.



Não conseguimos fazer o mesmo com o TDA e com o TEA. Apenas solicitei às famílias que buscassem a aplicação no dia a dia.

6.Fase 2

Confiei na ajuda que a família me prometeu. Então, no segundo encontro passamos para a fase dois. Se no dia primeiro já apareceram as dificuldades de cansaço, concentração e assimilação do F70, o dia 2 deixa isso extremamente evidente, diferentemente do que aconteceu com o TDA e com o TEA. O esforço mental para aquele que tem retardo é grande.

Entretanto, às vezes o que achamos que é “não entendimento” é o mesmo que ocorre com crianças inteligentes e dispersas: “preguiça”. Então, tentam adivinhar, para acabar logo a tortura ou para forçar o professor a dizer logo, para elas não terem o trabalho de pensar. Assim, cuidado! A paciência que temos no processo com a criança normal, sabendo que ela quer nos usar para darmos logo a resposta, teremos de ter um pouco mais com estes aqui e, repito, muitas vezes não é a falta de entendimento, é esperteza, inteligência, comuns aos seres humanos. Nesse momento, como praticamos, é chegada a hora de alguns prêmios e outras motivações. O cansaço também influencia. No caso de adultos, converso com eles e peço para ficarem em pé, para combater o sono. Porque esse processo mental de codificação e decodificação é gigante. Temos de entender e torná-lo o mais agradável possível.

Cada F70 tem algumas características distintas. No caso do Guilherme, além dele gostar de telinhas, Internet etc., senti que fazê-lo escrever o que estava aprendendo, quer dizer, fazer a repetição dos encontros silábicos pela escrita

permitia com que ele despertasse, e ainda desenvolvia a psicomotricidade fina para a escrita. Então, ele poderia demorar um pouco mais para ler, mas estava desenvolvendo a escrita praticamente em paralelo.

Dependendo da dificuldade, das situações, da vida do aluno F70, pode ser imperioso ficarmos por um longo período (mínimo de três meses) só sedimentando a fase dois. Por isso, seguem exercícios de leitura, que devem se adaptar ao cotidiano do aluno para a prática diária, em todos os seus ambientes.

O F70 foi fundamental para definirmos UM patamar (não científico) do qual não poderíamos passar, que utilizamos para o TDA e para o TEA.

Leitura da fase 2

Esta é uma parte da primeira leitura da fase 2.

de i de i de de
i doide

ei pa pai ei ta ta

aa a aaa ã ã

ããã aããa

ei ma mãe ei tã
tã

Segunda leitura (da fase 2)

ei nre nre ai nre nre

ei nre nre

ai nœnrœ

ei a mœr ei a mœr

amœr

A falta de sincronia é proposital, para evitar que a criança/o jovem memorize as frases ou que ele imagine seu final. Por exemplo, se eu escrever:

Pé do papai tá ... d

Invés dele seguir lendo, quando chegar no d, seu cérebro buscará o descanso e ele vai tentar “chutar” o resto, falando: doente, dodói, doido...

Vale frisar que O Método MAMA de Alfabetização para crianças e adultos sem deficiências tem um volume bem superior de texto de leitura obrigatória após cada fase, que começam também por um volume grande de recapitulação (aprendizado cumulativo), para em seguida se praticar o aprendizado mais recente.

Escreva aqui as palavras e as frases das quais ele(a) mais gosta de falar e de ouvir. Depois, dilua, aplicando-os de acordo com cada fase seguinte (fases: 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7).

Agora, organize por fase. Primeiro, olhe para os quadradinhos que são os jogos de cada fase, a seguir. E distribua.

Fase 1

Fase 2

Fase 3

Fase 4

Fase 5

Fase 6

Fase 7

Quadrinhos da fase 2

ta

ta

to

to

ma

ma

mer

mer

no

no

de

de

mãe

mãe

sa

sa

bom

bom

da

da

Fase 2 – ta to ma mor vo do mãe sa bom da

Nesse momento, o mor / bom / mãe foram um desafio. Isso me obrigou a uma mudança relevante na sequência do método, que foi completar a família do “m”. Aparentemente, o cansaço ou a inteligência ou a falta de atenção o fazia associar esses encontros pelo comprimento (três letras), e ele “chutava”, com preguiça de pensar. Lembrando que nós nos encontrávamos após o seu dia de trabalho e que se tratava de um F70. Mas falamos da atenção, porque o mesmo ocorreu com o TDA(H), mas não ocorreu com o TAE.

Então, tive de formar toda uma atividade com a família m e com palavras com m, para que eles conseguissem ler os trechos do método. Foi um pouco mais difícil para com o F70. Mas, como dissemos, utilizamos o F70 como parâmetro, quer dizer, o processo com o TDA e como o TEA não poderia ser mais difícil do que aquele com o F70. E vocês, pais e avós, ao perceberem dificuldades, façam adaptações; obedeçam o nível de entendimento da criança.

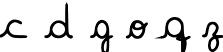
Nesse momento também surgiu uma confusão entre p e d (só para o F70). Percebiam que o p e o d são praticamente iguais, ao girarmos. E isso também levou à construção de exercícios específicos das famílias do p e do s assim como a mistura desses encontros. Todos os professores de alfabetização sabem as letras que as crianças mais confundem e fazem exercícios para resolver o problema.

A percepção desses problemas ocorreu na segunda aula da Fase 2. E esses exercícios com tais famílias (m, p, d)

se iniciaram na terceira aula e se estenderam até a quarta aula.

Ainda foi percebido o problema com o “s” e com o “v”. Mas é muita informação mesmo e isso tem de ser gerenciado pelo professor. Quer dizer, adaptações ocorrem com todos os alunos, mesmo àqueles sem deficiências ou transtornos.

Percebi que já era a hora de entrar com o exercício básico de escrita, que se trata de desenhos em sua grande parte formados pela onda (letra c , na cursiva). O c é a letra da escrita cursiva, uma vez que ela é o início de todas as letras

redondas, como: . A linha vai até a segunda metade do círculo e volta. O que nos EUA e na Europa chamam de **Magic C** .

Segue o primeiro exercício básico de escrita, que pode ser qualquer coisa, desde que ajude no efeito onda, em seu aperfeiçoamento, no desenvolvimento de um padrão de tamanho e na rapidez da execução.

L c cc ccc c c cc ccc c
ca ca ca ca

L c c co co co c cc cd cd
ccc cad e e cade

Lcc da do dado dedo
cade o dedo

Não se esqueça de ensiná-lo(a) a fazer as letras

a o d começando pela onda (c).



7.Reduzindo confusões

Como dito acima, tivemos de desacelerar para fortalecer códigos e reduzir confusões. Sentimos a necessidade de alguns encontros para isso. Não é possível deixar coisas para trás nesses casos.

Aula 1 da Fase 2

Pelas dificuldades encontradas nos dias anteriores, foram realizados exercícios com as letras e famílias de

m p d .

Aula 2 da Fase 2

Iniciamos com a leitura do material do dia 1. Como já tinha separado a leitura grande (duas páginas) em seis partes, para não cansar, já terminamos a parte 1. A leitura do “ã” ainda não estava boa. Tinha preparado muito dois bons desenhos de aprendizagem dos fonemas e das famílias do “v” e do “s”, porque não houve tempo nem resistência para ele na aula anterior. Essas letras estavam já na parte 2 da leitura. Ele (F70) fez as atividades e partimos para a leitura. Estava indo muito bem. Sem cansaço. Do dia 2, a dificuldade com o “mor” permanecia, o que demandou uma mudança de técnica para o dia 19 (treino de três letras na mesma sílaba – e a necessidade de bater mais o monofônico (fonema de cada letra), mas já não tão grande, acertando eventualmente.

Contrariamente ao que parece, a monofonia pode auxiliar no aprendizado dos F70 mais que a silabação ou difonia, porque, ao chegar no encontro de três letras, ele só conseguirá se for fonema a fonema ou se for pelo analítico (palavra inteira). Foi o que, nesse mesmo momento, ocorreu entre o mã e o mãe. O ma estava bem assimilado, a dificuldade era grande com o mã, mas ele identificava facilmente o mãe (analítico).

Esse é um dos dilemas do educador: se usar um caminho mais fácil (silabação – uma sílaba, dois fonemas/difonia) é ou não melhor que voltar à monofonia (bater o fonema da letra), que é mais difícil no início, mas não compromete a leitura melhor de sílabas com mais de duas letras, que é muito presente na língua e que, por isso, será fundamental no futuro (leitura plena). Quer dizer, é a decisão de “limitar o aprendizado, para que aprenda alguma coisa”. A opção foi fortalecer a monofonia (m-o-r – três fonemas); mais trabalho para o professor e para o aluno, para dar mais chances ao desenvolvimento pleno e inserção social completa. Mas sabemos: cada caso é um caso.

Para crianças (em se tratando da idade, uma vez que o F70 tem a idade “mental” de uma criança de 9 a 12 anos), a consciência fonética é a introdução ao método fônico. No método MAMA, a consciência fonética é simultânea ao processo de codificação: letra a (código a) para o som “a”. Identificada uma dificuldade de visão (todo o sistema neuro-visual) ou articular (todo sistema neuro-articular), os exercícios fonoaudiológicos e outros de correção devem ser iniciados imediatamente. Adaptação nas aulas, no processo, nas ferramentas ocorre sempre e isso é uma lei em educação desde os primórdios.

Acredito que foi nessa aula que identifiquei o melhor “recorte” ou a melhor combinação entre pressão, relaxamento e exercícios para o F70. Foi uma hora e meia, ininterrupta.

Ao final, como havia prometido um presente, se ele se esforçasse, eu lhe dei uma gaita. Não tinha dito qual seria o presente, até para motivá-lo. Acho que não agradou muito, mas até o momento de entregar, motivou. E a entrega foi ao acabar a aula.

A ideia é uma motivação financeira, uma vez que ele trabalha, mas ganha pouco e tem interesse pelo consumo. Mas estou segurando isso o quanto posso, exatamente para estimular meu pensamento em criar alternativas e para que o método para outros F70, TDA(H) e TAE não seja caro, auxiliando as famílias mais necessitadas. O estímulo financeiro ajudaria muito no esforço dos F70 adultos, mas prejudicaria a adaptação do método MAMA aos mesmos.

8.Fase 3

Como o F70 faltou duas aulas seguidas, é isso é comum, estava preparado para voltar bastante no conteúdo. Principalmente porque não podemos contar com o treino ou a prática nos dias que não tem aula. Mas fiquei feliz por haver maior retenção do que eu esperava. Porém, a fase três ainda estava longe de ser dominada por ele. Na realidade, talvez a

palavra “dominada” não se aplique, até pelo menos o sexto mês, ou depois de mais de três meses usando no trabalho ou no dia a dia. Mas não haverá dia a dia se ele não trabalhar com livros, ou quiçá com textos diariamente.

Começamos direto com o exame da leitura, não com o jogo três. Como dito, partindo a leitura da Fase 3 em cinco ou seis partes, por conta do cansaço, intercalando com escrita, jogos e curiosidades. A leitura total foi quase perfeita. Mas percebe-se o esforço para lembrança, sem o aumento da velocidade da execução (decodificação: que som o código/a letra representa e a execução desse som a tradução daquele conhecimento em uma saída vocal).

Essa também é uma capacidade que deverá ser desenvolvida de outro modo, aparentemente. A capacidade de ler mais rapidamente, a velocidade da leitura.

Nunca houve descanso 100%; o descanso do aluno sempre foi uma outra atividade, normalmente psicomotora somada à prática da leitura, como forma de descanso. Um alfabetizador de F70, TDA(H) e TAE, para poder atender e ajudar alunos desse tipo, como profissão, tem que pensar em atender ao objetivo de alfabetizar dentro de um tempo ótimo, principalmente por causa de seus custos. Caso contrário, seus custos ficarão altos e ele só poderá atender a pessoas de alta renda, que não é o objetivo desse estudo. Essa adaptação do Método MAMA é para prestar um serviço padrão e eficaz para crianças carentes com TDA, TAE ou F70 e para possibilitar que a própria família alfabetize sua criança, seu jovem ou seu adulto.

Como havia dificuldade entre “tem” e “vem”, adicionei o “sim” e construí diversas perguntas do tipo:

tem cão ? sim não

Ele tinha de conseguir ler, responder oralmente e depois passar a caneta por cima da pergunta, incluindo o ponto de interrogação, e da resposta correta. Assim, na primeira linha ele passou por cima de “tem cão ? sim”. No início, tudo em minúscula, para não confundir. Não é para explicar a interrogação. É apenas um desenho para ficar em sua mente, ou não ficar. Mas é um desenho, uma distração.

A mesma coisa foi feita com o vem: “vem de ônibus ? vem a pé ? “. Tudo sempre em cursiva. E em folha pautada. Tantos outros exercícios foram passados, batendo as dificuldades na folha pautada. Segue uma folha pautada, para o familiar tirar cópias e criar os exercícios dos erros dos alunos ou apenas distrações para relaxar. Colocamos a folha aqui porque não está fácil de achar em qualquer papelaria.

Na Fase 3, confirmamos o problema de dar nome às letras.

Em diversas escolas, professores ensinam somente os nomes das letras do alfabeto e ensinam a criança a escrever seu nome. Ao ver isso, a grande maioria dos pais pensa: meu filho já sabe ler e escrever. Está alfabetizado. E se acomodam. A criança fica assim, e os pais continuam a pensar assim

também, pelo menos até o final do terceiro ano. Quando finalmente percebem que seu filho é analfabeto.

Os pais não têm a decepção real porque também não têm a expectativa correta no início. A expectativa correta é: meu filho deverá ler, de forma lenta, mas a maioria das palavras, ao final do primeiro ano do ensino fundamental. Como eles não conhecem a verdade sobre o que esperar, não têm a capacidade de cobrar nem de corrigir.

Ensinar os nomes das letras, é um dos maiores problemas que criamos para as crianças. Para um F70 (não tanto para o TDA(H) e TAE), é muito mais: é devastador.

Para dizer que está havendo algum progresso com uma criança desse tipo, os professores ficam anos somente batendo os nomes das letras.

E então, quando começamos a alfabetizar corretamente uma criança com essa característica, ela não consegue decodificar “ca” como “ka”; ela diz “cea”. Porque ficaram anos dizendo para ela que o NOME da letra é ce, invés de ensinarem seus dois sons /k/ , /s/.

Nesse dia, ficou nítida a ocorrência e, portanto, tivemos de dedicar mais dois dias para finalizar a Fase 3, só por causa do c e do g. No caso do c, fizemos o ca, co, cu, ensinamos o ce e o ci (s) e juntamos com a família do s. No caso do g, fortalecemos somente o ga e o go, pelo volume do conteúdo, mesmo porque tínhamos de sedimentar o aprendido até aqui, como sempre.

Muito importante: qual é a sua motivação

Quando o aluno, seja ele(a) de qualquer tipo, de qualquer idade, chega à fase três, é crítico encontrar a sua motivação ou criar uma forte motivação. Porque quando acaba a fase um, ele não sabe o que encontrará na fase dois. Mas a dinâmica da sequência e dos jogos é quase igual. Podemos mudar algumas coisas, mas não muito, porque realmente ele(a) precisa aprender os sons, praticar através do jogo e ler, ao final de cada fase. Então, por mais que modifiquemos alguma coisa, repito, existe uma sequência. E ele percebe isso ao final da fase dois. Dessa forma, quando começamos a fase três, é o momento em que sentimos o cansaço do aluno, principalmente na etapa da leitura. Um aluno adulto e normal, que precisa aprender a ler para tirar a carteira de motorista, por exemplo, tem um motivo forte para se esforçar; quando ele fica cansado, levanta, luta... Mas uma criança ou um jovem não sabe da importância de aprender a ler. E, por isso, precisamos lançar mão de incentivos e motivações. Às vezes, é um brinquedo, um chocolate, ou até a comida para os pais (alguns casos na África).

Por tudo isso, identifique o que mais motivaria a criança e passe a utilizar isso. Do contrário, será bem mais difícil. Lembramos que estamos falando de sessões entre duas e duas horas e meia de aula, duas ou três vezes por semana. No caso de uma mãe, todos os dias, durante uma hora, seria melhor. O mais difícil é a família se organizar, montar a rotina, dentro de suas possibilidades.

Dia 2 de Janeiro – terça-feira

Esse foi o dia em que Guilherme chegou mais cansado. Havia trabalhado muito.

Foi uma hora de aula. Havia mais coisa, mas, pelo cansaço, deixei duas folhas de fixação do “c” e do “g” para casa e liguei para os pais a fim de orientar sobre o dever.

Fizemos a recapitulação, mas voltei ao fonema por letra. Após tantas aulas, ele ainda não tinha assimilado a lógica fonética (se “m” com “a” é “ma”, “m” com “o” é ... PO) ou a preguiça ou o cansaço eram extremos. Mas para o preguiçoso ou para o cansado é mais vantagem acertar do que repetir mais dez vezes. O TDA e o TEA entendem isso, o F70 não. Afinal, seu entendimento é menor. Isso também pode querer dizer que o cansaço de falar é infinitamente menor que o cansaço de pensar a codificação ou a lógica da codificação. Por isso voltei a ensinar o fonema m.

Eu explicava também (não pense no nome da letra, pense no som. Cada letra tem um som. O som dessa letra é...mmmm) , (o som dessa letra é “o”...) e ele respondia PO. Foram algumas vezes, até que juntei os quadradinhos da fase do “p” com os quadradinhos da fase do “m”.

E eu tinha que esperar. Porque senti nitidamente que ele ficava quieto para eu falar logo e parar seu sofrimento. Então ele pegava o “m” e dizia PO. Eu dizia não. E esperava. E assim muitas vezes até ele acertar. Se ele acertava, ele sabia. A

pergunta era “qual é o som dessa letra?”. E a resposta tinha de ser o som da letra “m”, não o nome “eme”.

Essa luta continuava. E voltávamos aos exercícios, à leitura, ao jogo... Mas não faça dele uma vítima: trate-o como uma criança normal, porque elas fazem a mesma coisa, num nível diferente. Uma criança se esforça muito para resolver um problema complexo de matemática. O “esforço” precisa ser aprendido por todos.

9.No caso de haver um computador, em casa ou no trabalho

Já que os computadores frequentemente estão nas vidas desses alunos, criamos um exercício que sedimenta e ajuda a diferenciar letras muito presentes e similares, ao mesmo tempo em que mescla a cursiva com a letra bastão e desenvolve a capacidade de digitação nesses dispositivos. Se quiser colocar a cursiva no seu computador (no Word), acesse www.mariomanhaes.com.br . É tudo gratuito.

pape pape pape pape

pape

dado dado dado dado
dado

pode pode pode pode
pode pode

boca boca boca boca
boca boca

Aproveitamos a prática da digitação para sedimentar as diferenças das hastes para (dpb) e também pela proximidade da cursiva com a letra de

forma (*dpl* dpb).

Sim, tentamos ensinar a digitação correta, ensinada em cursos de digitação profissionais, mas prejudicava o objetivo principal que era aprender a ler.

Na digitação profissional, o digitador utiliza todos os dedos e existe uma posição fixa de início.

Assim, sugerimos que um curso de digitação só seja aplicado quando esse tipo de aluno já lê quase tudo e já tenha sedimentado o processo de leitura a ponto de não mais esquecer. Porém, como nossa prioridade é ensiná-lo(a) a ler, e se ele(a) tiver um ambiente de trabalho ou de diversão com a utilização do computador, ou mesmo do celular, mesmo teclar só com o indicador já será um ganho para a leitura.

Quadrinhos da Fase 3

ca

ca

ce

ce

mãe

mãe

le

le

cão

cão

tem

tem

nem

nem

be

be

o

o

la

la

ga

ga

Lembrança das fases anteriores

O Método MAMA é cumulativo e isso é imperioso. Nos casos desses alunos, utilizamos esse pequeno texto antes de entrar na Fase 3, que é o texto original do referido método, porque é mais leve, mas ao mesmo tempo eficaz para a lembrança.

oi nonô ni totô

a ti a ra ra amor

da tia rara

ai pé da i do ai pé

doide

Terceira Leitura

⑨ no no ca i u da na ca
iii e co co da naca

⑨ pate mãe tem ca be le

⑨ cãe mãe nem cá

nem cãe nem cãe

Vem e cãe e nem a na ca

10.Fase 4

Resumimos os encontros das fases anteriores (só os quadradinhos) e entramos na fase 4: jogo rápido e leitura. Começamos o Excel (temos de ter coragem, acreditar), para eles sedimentarem a equivalência entre tipos de letras e para

distrair, mexendo um pouco no computador. Não foi possível fazer isso com o TEA, pela falta do equipamento. E para aqueles que não possuem computador, pode-se optar por pedir ao aluno que passe lápis ou caneta pelos textos das fases anteriores. E sempre existe a melhor opção, que é jogar, principalmente usando os quadradinhos dos encontros que ele esqueceu.

Recapitulamos somente os encontros mais difíceis das fases anteriores (sempre um pouco cansativo, demorado, mas sem dizer as respostas) e entramos na fase quatro. Aproveitei para verificar a matemática de um a dez (contagem). Também não estava nítido se o salto das letras era um problema de preguiça ou de não ter sedimentado o padrão de leitura ocidental (da esquerda para direita) ou simplesmente o que é uma ordem (da esquerda para direita), do tipo: primeiro fazer o som da primeira letra, só depois ir para a segunda, para a outra, para outra... Essa, depois essa, depois essa...

Dessa vez, não fiz um jogo cumulativo, apenas o jogo da Fase 4. Muito exercício de escrita. Repetimos: isso depende da percepção, do bom-senso, do professor (mãe, avó, pai). Do que ele sentir que é necessário.

E finalmente iniciamos o computador (F70), que ele tanto gosta. Repetimos o processo com o TDA(H).

Primeiro, juntando o computador com o prazer de ler, de ouvir e de contar histórias e estórias, pedi para ele me contar uma história e uma estória. E comecei a digitar. Foi muito difícil. Ele não lembrava, ou não queria lembrar, de nenhuma história e de nenhuma estória. Começou outra investigação

aí. Mas eu tinha que acelerar, pois já passava de duas horas de aula. Mas deixei o que ele mais gostava por último exatamente por esse motivo. Então, ele estava bem.

Muitos presentes ao mesmo tempo. A ideia foi fazer um curso de digitador (para o F70). Então, tive de iniciar o Word, ensinar como bater, como selecionar um texto, como negritar e como sublinhar. Em seguida, iniciamos o curso de digitação. Invés de usar um tipo (uma fonte) padrão, como Arial ou Times, coloquei a fonte cursiva (letras de mãos dadas). Automaticamente surgiu o desafio consequente: as letras do teclado são bastão e aparece no monitor em cursiva. Mas como era o primeiro dia, usamos apenas repetições muito fáceis. O importante foi ele iniciar com a postura correta de digitação.

Na saída, dei a ele papel e caneta, para ele começar a escrever e ler tudo que conseguisse, em qualquer lugar. Dever para quinta.

Na quinta

Iniciamos com um exercício de sentido contrário: do som ao símbolo, examinando os encontros de cada fase, começando pela primeira, somente com o som “o” e depois o “po”. Fase 1. Ele tinha que sublinhar esses “sons”.

Não, eles dificilmente fazem o dever de casa. A ação dos pais potencializa os resultados.

Quadrinhos da Fase 4

era

era

ra

ra

vez

vez

que

que

mha

mha

ba

ba

li

li

no

no

mho

mho

mhe

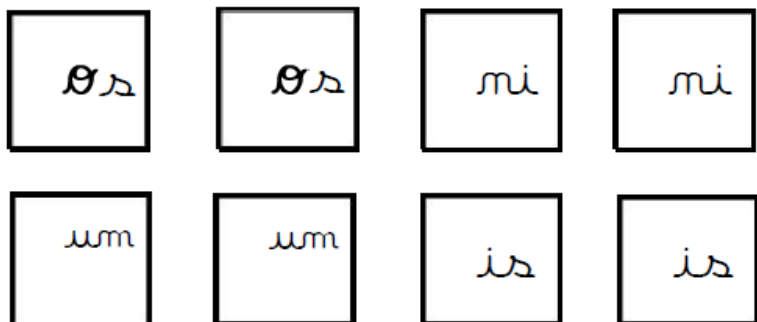
mhe

s

s

as

as



Modificação que foi necessária: separamos a Fase 4 em dois grupos: o primeiro foi até o encontro “nhe” e o segundo foi do “as” até o “is”. É muito cansativo para eles.

Outra modificação pertinente: como nas fases anteriores, tiramos o s (sozinho), para aqueles que já tiveram algum aprendizado. Porque como não lhes foi dada a conscientização fonética e sim somente a fonética silabada (sa, se, si, so, su).

Arrisquei o “s” com o TDA e com o TEA. Deu certo com o último. Não insisti com o TDA.

Um pouco de escrita ou de digitação:

sem tem sem tem sem
tem sem

Mudanças da cursiva para a bastão, focando naquelas que usaríamos para os exercícios de digitação. Aproveitando a dificuldade/confusão frequente que ele tem entre “p” e “d”, na limitação fonética que ele tem em relação ao “ca” (ele – F70 – persiste no fonema “s” ao ver o “c”), no treino da digitação, e na sequência das fases (usar a digitação para sedimentar), assim foi planejada a sequência de digitação (F70). TDA(H) e TAE escreveram, mas o TAE apresentou uma mudança de comportamento que não nos permitiu ir adiante nessa tarefa. Como a prioridade é ler e ele venceu os exercícios, não insistimos.

Próximo encontro

Guilherme não entregou ao seu chefe o material que preparei para a prática na empresa. É natural e eu já deveria

ter previsto. É uma questão de memória. Eu poderia ter levado diretamente e essa seria a solução mais eficaz. Porém, sempre devemos estimular a autonomia. Então, deixei nas mãos dele. Vamos ver essa semana. Hoje ele não trabalha. Terei de reforçar amanhã e quinta. No caso do TDA(H) e do TAE, utilizamos rotinas de casa para esse exercício de tiras com frases.

Diante da manutenção do comportamento do F70 de pular letras, tive de construir um treinamento de visão bem curto, leve e claro, mostrando a importância de ele ler letra por letra, quer dizer, fazer som a som, seguindo da esquerda para a direita. Isso não foi necessário com os outros dois. Para tanto, tive de deixar bem nítidos os blocos. Sempre aproveitando o que ele já conhecia e aquilo em que tem maior dificuldade, depois. Porque é o ensino do movimento e da concentração ocular em cada letra e não o exercício de codificação. Não é para ensinar novos códigos e sim ensinar a importância dele (aluno) seguir letra por letra. No Método MAMA, em alguns casos, naturalmente, o bloco tem mais de uma letra, como “nh” “que”. Mas sempre precisamos começar pelo mais fácil. O foco é como o olho trabalha, letra a letra, som a som.

Iniciei por essa parte, para que ele trabalhasse assim a aula toda.

Quarta leitura

pa pa pa pé pé pé

po po po

ta dei de pa pé po

e sa po é bom

to ma ba nhe toma e

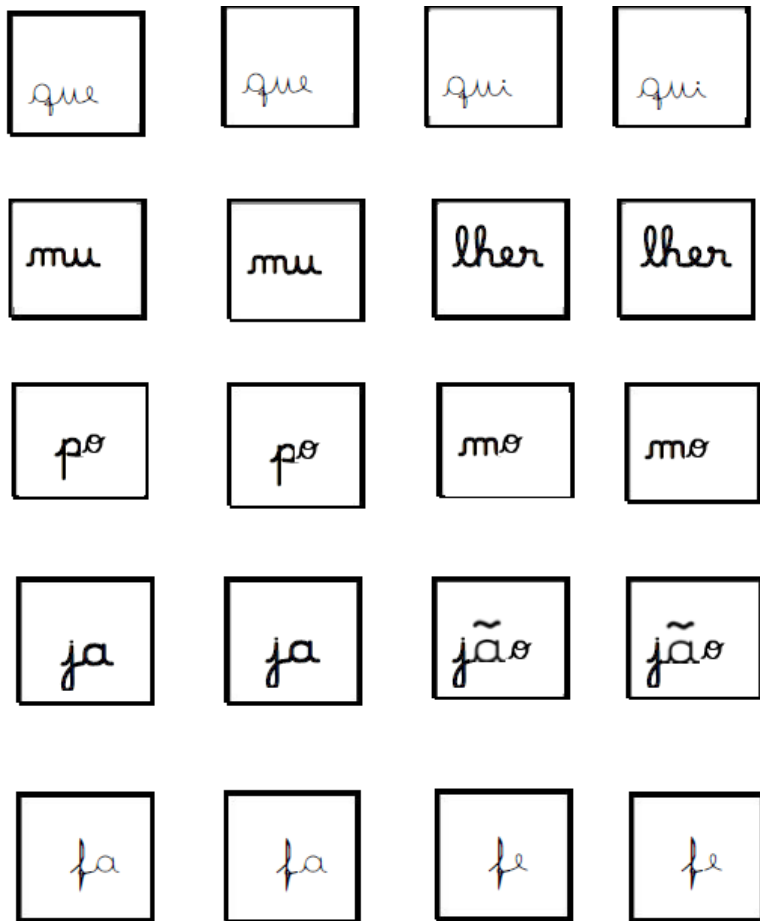
tem ca be lo

toma banho e tem

cabelo de is dois

11.Fase 5

Quadrinhos da fase 5



Nessa fase, pela complexidade dos encontros “que”, “qui” e “lher”, adicionamos o exercício do aluno juntar os quadrados para formar palavras. Para isso, pegamos emprestados quadradinhos das fases anteriores, como o “a”, para formar “qui”, o “ca”, para “caqui”, o “co”, para “colher” etc.

Embora a leitura do método seja cumulativa (palavras e frases repetindo o aprendizado anterior), começamos a repetir tanto os jogos quanto a leitura (a frase que junta toda uma fase) durante três encontros, quer dizer, dar mais tempo para sedimentar melhor. Exemplo: jogo da fase dois duas vezes e leitura da frase da Fase 2. Logo depois, no mesmo dia, jogo da Fase 3 e leitura da Frase 3. Repetimos apenas os jogos quatro e cinco, sem estresse.

No encontro dois, foram, nesse processo, as fases dois, três e quatro. Repetimos somente o jogo da fase cinco. E no terceiro encontro, incluímos a fase cinco na sequência: jogo e leitura.

Achamos melhor darmos mais um dia antes de entrarmos na fase seis. Nesse dia, fizemos a formação de palavras e frases possíveis até a fase cinco, inclusive.

Os alunos já liam tudo até a fase cinco. O F70, um pouco mais devagar. É muita coisa. Mas nosso grande medo continuava: se parar alguns dias, quanto poderá esquecer? 50%? Tudo?

Quinta leitura

o sapo é bom e é
doído

bombom é bom

a pa ta é a mãe do pa
ta

a mulher do aqui é
o feijão? mãe. O

feijão eu como de
colher.

12.Fase 6

Quadrinhos da Fase 6

gro

gro

don

don

quem

quem

bo

bo

pri

pri

pra

pra

bra

bra

ba

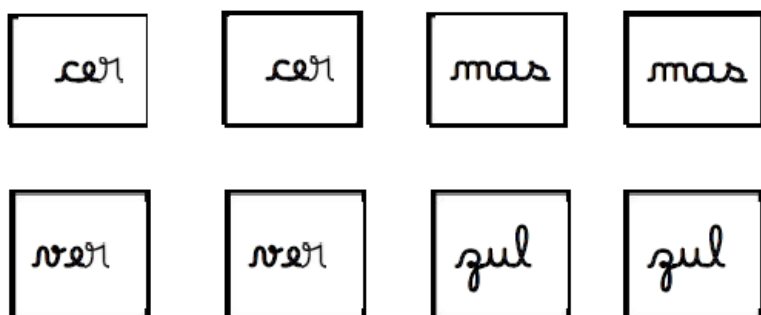
ba

pi

pi

faz

faz



A variação que fizemos na fase seis, foi colocarmos todos os quadradinhos das fases anteriores virados para cima, repassarmos a leitura dos mesmos (pedindo para ele ler e aqueles que ele demorava muito, eu dizia). Depois fazíamos o jogo rápido apenas com aqueles que ele demorou para identificar/ler. Em seguida, fizemos o jogo da fase seis.

Tivemos problemas de agenda com o F70 durante duas semanas. Para remediar, acompanhamos os pais a distância, com exercícios de sedimentação, para ele não perder o que já havia conquistado.

Lembrando que cada um desses alunos passou pelo processo em tempos diferentes, porque não havia como eu gerenciar os três ao mesmo tempo, mais minhas atividades profissionais. Mas seguimos de maneira próxima a instrução de cada um, com pequenas adaptações entre eles, e grandes, em relações aos demais.

Como na fase anterior, adicionamos três encontros de sedimentação, seguindo o mesmo sistema: um jogo da Fase 3 (pulamos a Fase 2, mas fizemos sua leitura/frase completa). Em seguida, jogo da Fase 3 e leitura da frase. Jogo da Fase 4 e sua leitura. No encontro seguinte: leitura da frase da Fase 2, leitura da frase da Fase 3, leitura da frase da Fase 4 e leitura da frase da Fase 5. O F70 travou um pouco, repetimos o jogo da Fase 5, uma única vez. Ele conseguiu ler a frase.

No outro encontro, conseguimos que eles lessem todas as frases de cada fase. Apenas repetimos o jogo da fase seis e sua frase/leitura. No último encontro, trocamos a sequência das frases das fases, quer dizer, invés deles lerem a frase da Fase 2, depois da três etc., a ordem foi: frase da seis, frase da quatro, frase da dois, frase da três e frase da cinco. Isso é necessário porque o aluno começa a memorizar a sequência das frases, como se fosse uma história. Memorizando “uma história” (ficção) ele deixa de precisar memorizar os encontros ou as sílabas, logo, não consegue memorizar histórias ou histórias diferentes daquelas do curso⁶.

Por que tínhamos de avançar de fase? Nossa ideia é que poucos são os verdadeiros professores: pessoas com extrema paciência e amor pelo que fazem. E nesses casos específicos, o nível de paciência extrapola aquele dos professores convencionais e esse processo é executado por

⁶ Lembrando, toda história é ficção, enquanto a palavra história pode significar verdade (história do Brasil) ou ficção. No caso desse livro, a leitura após as fases contém histórias, e aquilo que o aluno me contava de sua vida era história, acho que quase sempre.

parentes, principalmente pelas mães. E é menos cansativo manter e fazer pequenas correções do que ensinar, passar pelas sete fases. Quer dizer, é melhor chegar mais rapidamente na conclusão das sete fases e depois manter a sedimentação e fazer pequenas correções ou lembranças. Melhor no sentido de aumentar as chances de terminar o processo. Porque se ela, mãe, demorar muito, a vida irá interromper esse difícil processo, e ela terá de começar tudo de novo. Lembrando que adicionamos muitos encontros de sedimentação ao longo do percurso, não pulamos fases. Aceleramos apenas quando era possível acelerar.

Um pouco de escrita e de digitação

Pensamos em passar parte do material para que ele digitasse, mas estávamos muito perto do fim. Resolvemos não arriscar, porque poderíamos fazer isso depois, na fase de transição da cursiva para a bastão. Como existem muitas letras diferentes, isso poderia confundir as cabecinhas.

Para quem quiser treinar, dependendo dos recursos:

minha minha minha

minha minha minha

Para adicionar a fonte cursiva em seu computador, basta ir ao site: www.mariomanhaes.com.br , aba livros. Livro A Lua ou um Menino. É gratuito, repetimos.

Sexta Leitura

da de da de dade

pate na minha pra ia

dá e dade papai

mas e pate é e pai

quem é sapa aa ãã

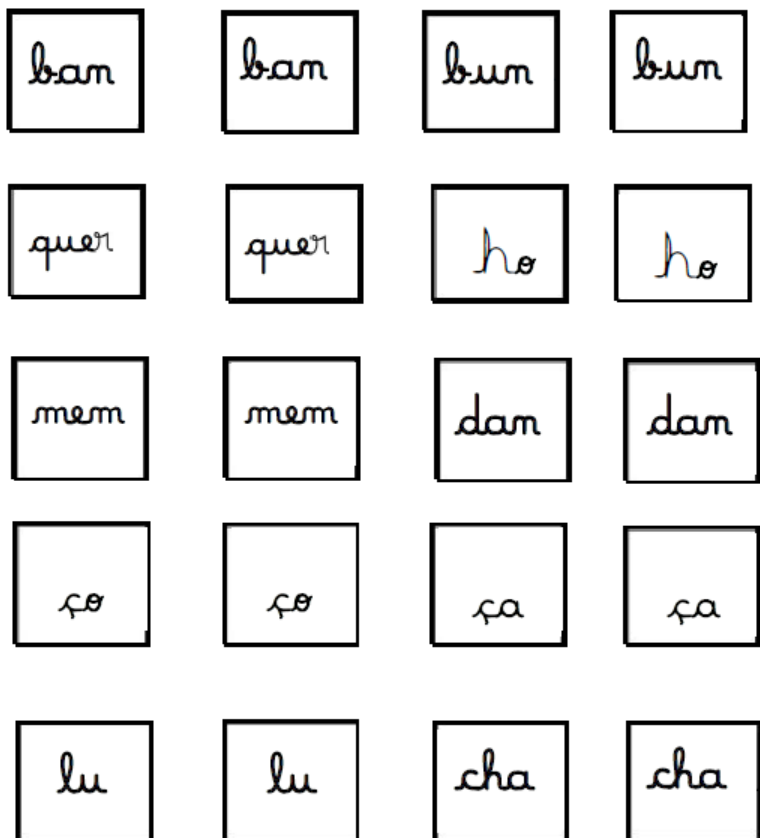
mas a zul é cer te

Bra sil é ver de

Às vezes, em encontros que percebemos alguma dificuldade, mantemos as sílabas separadas (Bra sil, ver de ...), para juntar no texto posterior. Não explicamos para o aluno a diferença fonética entre “sa” e “asa”; ele grava pela repetição das palavras.

13.Fase 7

Quadrinhos da Fase 7



ne

ne

le

le

je

je

ne

ne

Resumo da Fase 7

mar o pato é o pai

quem é rapo aa ãã

rem que tem feijão

na mão da mãe

hoje tem livro

tem colher e dança

dança aqui que é bom

mar o azul é certo

Brasil é verde

veja o feijão da fada

braço pra cá e pra lá

Sim: UFA ! Que luta, para a mãe, mas principalmente para a criança/o aluno. Que vitória! Realmente, a parte mais difícil terminou.

Utilizamos as mesmas técnicas de repetição dos jogos de cada fase e das frases de cada fase.

Entretanto, embora o processo de ensino e aprendizagem seja o mais difícil, em termos de paciência, disciplina para manter os encontros, observação, para se fazer adaptações e adequações, tudo se perderá, caso não seja feita agora a manutenção, a sedimentação, a aplicação na vida cotidiana, por um longo período, período este que não podemos precisar, porque não tivemos essa experiência. Quem sabe, o leitor um dia possa nos dar esse retorno.

Repetimos: TUDO SE PERDERÁ. TODO ESSE TRABALHO SE PERDERÁ, SEM A MANUTENÇÃO NECESSÁRIA E A APLICAÇÃO.

No caso dos alunos que deram origem a esse trabalho, não prosseguimos daqui; demos as instruções aos familiares, que foram as seguintes:

- Manutenção
- Aplicação no dia a dia

A manutenção tem de ser completa, todos os encontros, de preferência no mínimo três vezes por semana. Pode ser o jogo com todos os quadradinhos e em seguida a leitura das frases, em ordem diferente. Faça também a ordem

diferente, lendo da direita para a esquerda, quer dizer, do final da frase para o início.

Aplicação. A aplicação é extremamente fácil, porque em uma única rotina diária nós já temos todos os sons do alfabeto e dos encontros das letras. Por exemplo, considerando a rotina de sair para a escola ou para o trabalho todas as manhãs. Quais são as frases que falamos, os pedidos ou as perguntas que normalmente fazemos? Bom dia. Dormiu bem? Hora de acordar. Vamos tomar café? Você quer mais pão ou mais leite? Pode me passar o açúcar? Agora, vá escovar os dentes e tomar banho etc.

Agora imagine que tudo isso seja por escrito. A mãe escreve todas essas frases (com cuidado, na letra cursiva) e invés de falar, ela passa a tirinha de papel com a frase. Cada dia ela pode fazer isso com uma rotina específica ou em um diferente momento do dia, até mesmo para a criança não decorar as frases, porque ela poderia falar a frase toda só pela primeira palavra e não ler o resto. Quando reparar isso, e vai acontecer, corte a frase em sílabas e embaralhe. Passe a dar a frase num bolo de quadradinhos e peça para ele montar a respectiva frase. Mas vale outra também, que faça sentido. Significa que ele está lendo.

Pronto; é manter esse processo por pelo menos três meses e assim teremos a sedimentação (quiçá eterna) desse conhecimento e habilidade que é ler. Mas o familiar deve estar atento, porque não temos uma pesquisa sobre esse tempo de sedimentação, e cada criança é uma criança. Se identificar

algum erro ou ausência, deve rapidamente retornar ao respectivo jogo e exercício.

Consideramos que só a partir desse tempo de sedimentação a prática poderá incluir a letra de forma e a letra bastão. Isso será ainda mais fácil, já que elas estão presentes em todo o cotidiano. Por exemplo, a LETRA BASTÃO, usada em ônibus, transporte em geral, placas, cartazes e letreiros, e a Letra de Forma/Imprensa, esta aqui, utilizada em produtos de mercado, livros e jornais.

Embora, como visto, possamos ensaiar os primeiros traços da escrita durante o aprendizado da leitura, como suporte, agora tal processo pode ser executado com a devida estrutura, no caminho da alfabetização completa, nos devidos níveis de letramento.

14.Um pouco de discussão

TDA(H) e TAE

Uma das coisas mais importantes, que distingue um professor de outro profissional, é a capacidade de perceber detalhes no processo de aprendizado e, com isso, adaptar o ensino (o conteúdo, o método e o ambiente).

Essa questão, perceber os problemas e adaptar, normalmente, diz respeito ao conteúdo ou à metodologia. Mas, no caso da criança TDA(H), está relacionada ao que tira a atenção e ao que a mantém. E nos casos de TEA, às ritualísticas mais eficazes e ao controle do ambiente.

O que queremos com a leitura

O que queremos com a leitura? Queremos abrir o mundo para uma pessoa. Se não conseguirmos conectar o indivíduo com coisas maiores, ele estará primeiro limitado a si mesmo, e depois estará limitado ao seu meio.

Não queremos que ele saia do seu meio ambiente. Mas a maior parte do conhecimento que afeta o seu meio, normalmente, está fora da sua área.

Tomando uma fazenda, como exemplo. Ele está rodeado das frutas, legumes, dos animais, da família, na sua casa. Mas onde está o conhecimento para ele melhorar a sua produção agrícola, aumentar a força de seus animais,

construir uma casa melhor, se proteger das intempéries? Está fora. Não faz parte de seu vocabulário local.

Quando Erich Fromm sugere que devemos entrar no mundo do aluno e ele não está se referindo somente a entender sua região geográfica e sim a todo o conjunto do mesmo, até como pessoa. E, novamente, visando o crescimento, principalmente ao crescimento intelectual, isso diz respeito a conhecer coisas novas, para o professor.

O que queremos quando ensinamos uma letra e o seu som? Iniciar o processo de leitura. Usar coisas da região é importante, se conseguirmos. Entretanto, consideramos que a facilidade fonética é um critério, para a construção e para a sequência do conteúdo, que deve anteceder a questão ambiental (princípio da realidade).

Por exemplo: ensinando a ler AIPIM.

Usando a questão da região do leitor, podemos falar: AIPIM, MACAXEIRA, MANDIOCA.

Supondo que o aluno seja do Nordeste, deveríamos usar o termo macaxeira. Entretanto, das três formas, a mais fácil em termos de som e em quantidade de letras é aipim: duas vogais de baixa complexidade e duas consoantes de média complexidade. Então, deveríamos ensinar primeiro aipim. Em outros termos, estamos dizendo que, no processo de ensino/aprendizagem, o princípio “mais fácil, primeiro”(Descartes) supera os princípios: concretude,

realidade, conhecido e individualização⁷, de Nérici, em termos de eficácia e eficiência. Eficácia, no sentido do resultado: ler. Eficiência, no que diz respeito ao método, o modo para se atingir o objetivo. O mesmo se aplica a Wallon e a Vygotsky, que falaram da importância dos ambientes social e cultural.

Vamos tentar “tangibilizar”, dar forma, dar um exemplo prático do que acontece quando usamos o mundo do aluno no ensino da leitura. Reparem que estamos falando do início da leitura, não do desenvolvimento da mesma, ritmo, velocidade. Ensinamos X e o aluno leria O AIPIM. Ou ensinamos Y e o aluno lê A MACAXEIRA. Ao conseguir ler MACAXEIRA, ele poderá dar um sorriso e dizer: - Ah, macaxeira! Que legal ! Mas ele conseguirá ler mais rápido O AIPIM. O professor perguntará: - Sabem o que é aipim? Macaxeira! Ele dará outro sorriso e dirá: - Ah! Que legal E ainda aprenderá um sinônimo.

Temos primeiro o prazer de ler. A vitória em decodificar e externalizar. E depois o prazer de ler sobre o que é nosso. Teremos o segundo prazer mais rapidamente, se atingirmos também mais rapidamente a capacidade de decodificar, ler. Então, se aprendermos a ler em menos tempo, teremos muito mais tempo de prazer, para sempre. No momento da codificação e da decodificação, a identificação com seu ambiente surgirá nos códigos/fonemas mais difíceis e no caso

⁷ NÉRICI, Imídeo Giuseppe. Introdução à Didática Geral. São Paulo, Ed. Fundo de Cultura, 1960.

de empate de dificuldade. O mais importante do ensino através da realidade está na fase seguinte: a fase de ler histórias e estórias regionais. Porém, na fase do ensino dos códigos, sempre usaremos as palavras mais fáceis foneticamente e mais curtas, mesmo porque temos palavras fáceis que são comuns a todos os cotidianos, por exemplo:

A Ai	N nada
B boa	P pato pão pé
C cai	R rato rã rio riu
D dedo	S sapo sapato
F Foi	T tia
G gato	V vovó
J João	X xixi (Portugal) chichi (Brasil
L lado	– evitar, pela complexidade)
M mamá	Z Zeca

Tabela 1. Facilidade fonética ou o ambiente

Repare que essas palavras são comuns a todos os brasileiros, independentemente da região e são de extrema simplicidade. Só não estão aí os códigos/letras que exprimem mais de um som (g – gato e gente, e ainda tem a variação guia)(c – cedo invés de cada, mas que entra na Fase 7)(s com som de z – casa mesa), alguns dígrafos (sc rr sç xc etc.), e as letras “mais do inglês” (k, w, e y).

Esse é o método (consideramos MAMA V3 ou super simplificado), para pessoas com deficiência intelectual ou que, por outras razões, não mantêm a atenção (TDAH e TEA).

Por que não utilizar logo o método MAMA V3 já para todos? Pode ser utilizado. Isso dependerá da resposta do aluno e das suas limitações familiares e de rotina (se trabalha, se tem outras atividades...). Mas a maior questão é que se fazer em menos tempo (primeira e segunda versões do MAMA) implica ter mais tempo para sedimentar. Quer dizer, considerando um ano letivo completo, se a criança aprende a ler contando um ano inteiro, não terá nenhum tempo para a sedimentação. Se ela aprender em dois meses, terá no mínimo outros seis meses para a sedimentação (quatro meses por semestre). Estará lendo muito melhor e sem maior desgaste.

A diferença entre as versões um e dois é apenas o tempo e o volume de repetições. A versão dois é aplicada na África, onde crianças aprendem sem luminosidade e no chão e sem ter o que comer.

A versão 3 do método MAMA também é interessante: quando os professores não são vocacionados, com familiares sem paciência, para refugiados e crianças abandonadas. Porque existe a interrupção frequente das aulas, a falta de rotina de horário e outros problemas, até a sedimentação dos códigos. No caso do Método MAMA convencional, mesmo em uma estrutura frágil, mas consistente, presente e amorosa, é possível concluir o processo em sete semanas, com apenas dois encontros por semana, cada um com duas horas de aula (F70 normalmente leva de três a quatro meses). E então

partimos para a sedimentação. A sedimentação não deve ser inferior a 6(seis) meses, nestes casos.⁸

Fica nítido que as palavras da tabela anterior abarcam quase todos os fonemas e todos dominam. Assim, seria um equívoco priorizar palavras regionais em detrimento do tempo de aprendizado bem como da simplicidade de codificação. Devíamos essas explicações aos nossos leitores, principalmente aos professores da alfabetização.

15.Mundo e Micromundo

No caso do F70, percebemos três áreas: o método base, o mundo que cerca o aluno e o seu micromundo. A diferença entre o mundo e o micromundo, para melhor explicarmos, é que o micromundo é seu interior e está nos detalhes, e o mundo é o ambiente próximo que o cerca. Se ele mora no campo, o cavalo é uma realidade em seu mundo, mas ele gosta de produzir selas, dos pontos artesanais, de queimar o couro...; micromundo. Isso é relevante no momento da alfabetização em que atingimos o primeiro porto seguro. O melhor primeiro porto seguro é o terceiro nível ou a Fase 3. Mas às vezes temos de fazer isso na Fase 2. De forma diferente, o mundo exterior é quase que o mundo total para o TDA(H), enquanto que para o TEA, seu mundo total é quase

⁸ Temos casos documentados da eficácia do Método MAMA (RBC Rede Brasil de Comunicação) em sete dias intercalados ou duas semanas e meia, com dois encontros semanais.

seu mundo interior. Naturalmente, não estamos falando de fisiologia aqui, mas do mundo da aprendizagem e das atenções.

Investigar o micromundo e fazer as devidas adaptações de conexão das palavras mais fáceis com as paixões do aluno é obrigação do professor, para obter sucesso com o F70. Outra coisa que precisará ser feita nessa fase, em adaptação ao Método MAMA convencional, é o ensino de algumas letras já no formato Times New Roman, Arial etc. Porque o Método é em cursiva e esses outros formatos estão em letra de imprensa ou letra de forma (*ball and stick*).

Cursiva: *pão*

Times ou Colibri (só a primeira em maiúscula), significa imprensa/bastão) **Pão**



É fundamental porque a melhor prática para o aluno é a leitura no dia a dia, uma vez que quando ele for comprar um pão de forma ou qualquer outra coisa, ele o encontrará na letra de imprensa ou similar.

E por que não começar logo pela letra de imprensa? É o que nós falamos da limitação do aprendizado. Ler e escrever na cursiva dá velocidade. E essa velocidade é fundamental em fases da vida bem como para um raciocínio superior, logo, para um desenvolvimento superior, no sentido de terem maiores oportunidades.

O Método MAMA também está disponível em letra de imprensa. Se a finalidade do aluno é acompanhar a leitura da Bíblia em uma igreja, ele pode ser interessante. Mas se o aluno quiser tirar uma carteira de motorista, a versão em letra de imprensa não atenderá, não por conta da leitura, mas por causa da velocidade da leitura e, principalmente, porque ele precisará escrever em várias etapas do processo. Usando o método na versão de imprensa, ele poderá conseguir, mas levará muito mais tempo para adquirir a devida proficiência para fazer a prova e o resto. Mas com empenho, tudo é possível; temos deficientes que escrevem com velocidade utilizando os pés (casos do uso da talidomida na gravidez).

16. Dar UM motivo supera o método

Na realidade, grande parte das adaptações no ensino de cada aluno decorre da resposta a essa pergunta. Digo “grande parte” porque existem muitas adaptações relacionadas com o próprio processo ensino→aprendizagem, como, por exemplo, começar pelo mais fácil. Mas o que faz a diferença mesmo é a motivação, ou o motivo ou os motivos. Porque se existe um bom motivo para o aluno, um motivo forte, o processo será dez vezes mais fácil. Sim, dez vezes. Então, encontrar o motivo, ou encontrar e oferecer UM motivo, deve tomar bastante tempo do educador, não só no planejamento, mas também na observação durante a execução, porque... motivos... aparecem no decorrer.

No caso do F70, isso é deveras impactante, porque se aprender a ler é complexo e cansativo para uma criança normal, para aquela com alguma deficiência mental, não há como comparar.

Mas por que um F70 precisa aprender a ler, o TDAH e o TEA? Existe algum motivo “social” para isso? Existem motivos individuais para isso? Acreditamos que sim, muitos. Vamos nos ater ao principal: ter melhores condições de sobreviver. Queremos que eles sejam bons sobreviventes. Porque os que os cercam não viverão para sempre.

Outro motivo, naturalmente, é o prazer que tal capacidade gera. Ler livros, o prazer de imaginar, o prazer de aprender...

O problema é que esses são motivos por nós conhecidos, não por esses indivíduos. Então, precisamos encontrar motivos mais simples, que eles entendam, e mais imediatos, de curto prazo.

Entretanto, com ou sem bons motivos, a resistência do F70 é bem menor que a que encontramos nas crianças/jovens/adultos normais. Resistência no sentido da força em manter o pensamento, o esforço no aprendizado. Já a resistência dos TDAH e dos TEA é maior, mas, nestes casos, outras habilidades importantes são exigidas do educador, como a capacidade de manter a atenção e de reduzir conflitos e acalmar.

Outra estratégia que precisou ser adaptada ao método foi a redução do processo lógico. Por exemplo, no convencional MAMA, a criança aprende o “DA”, o “DO”, e mais afrente encontra o “DI”, sem tê-lo aprendido, nem na parte 1 (ensino), nem mesmo na parte 2 - jogos. Mas como já viu outros encontros com a letra “i”, deduz, e fala “DI”. Isso é muito difícil com o F70. Evidentemente, experimentamos, mesmo porque precisamos identificar a real capacidade daquele indivíduo específico. Assim, como ele pode não ter a capacidade lógica dedutiva, a mãe ou o educador terá de ensinar o som deste encontro, quando ele aparecer, facilitando a conexão lógica.

O Método MAMA de Alfabetização Leitura é rápido e simples. Não foi explicado em seu formato completo, porque nosso interesse aqui é o aluno TDAH, TEA e F70. É um método que ensina a ler, no caso de uma criança normal, em sete dias

alternados. É gratuito e está disponível no site www.mariomanhaes.com.br na aba livros, livro A Lua ou um Menino.

Em experiências com F70, a essência do método, que é a facilidade e a prática, e a questão do “motivo” foram levados ao nível extremo, por conta: da dificuldade do aprendizado, no nível de retenção e do esforço para a decodificação (em decorrência: do cansaço).

O apoio total da família é ainda mais necessário por conta da disciplina em se manter a sequência, uma vez que o aluno pode esquecer tudo (determinado bloco) sem a sedimentação necessária. Quer dizer, se o aluno chega e completa a fase 2, mas em seguida se ausenta uma semana das atividades, ele pode perder tudo e ter de recomeçar do zero.

Outra questão difícil de decidir é onde queremos que nosso aluno chegue.

Como assim?

É que podemos querer que ele leia bem, que ele tenha a capacidade de entender o que está lendo, apenas. Mas isso é “apenas”? Já não é muita coisa?

Estamos falando da capacidade dessa criança sobreviver? Saber ler vai ajudá-la muito; saber ler e escrever a ajudará mais e saber ler e escrever mais rápido e compreender melhor ajudará bastante.

Em resumo, nossa decisão inicial foi: alfabetizar com a cursiva ou não. Poderíamos alfabetizar com a letra de

imprensa/forma, como se faz na alfabetização de adultos, em muitos casos. Mas, ao tomar essa decisão, o educador já estará limitando a capacidade de escrita e de leitura do aluno para o futuro. Quer dizer, quem limita é o professor. Naturalmente, por vezes é interessante limitar, porque o próprio aluno tem um motivo que não necessita da leitura rápida nem da escrita. Por exemplo, muitos adultos querem apenas aprender a ler, para a leitura da Bíblia, como dissemos. Se esse é o motivo, podem aprender, através do Método MAMA ou de qualquer outro método, na letra de imprensa.

Cabe a nós, então, comunicarmos essas questões de limites aos alunos ou familiares.

Este livro, Método MAMA adaptado ao F70, TDAH e TEA, não foi aplicado aos F70.1, F70.8 e F70.9 . Nem aos níveis moderado e alto de autismo. Desculpem-nos por isso. Mas pais e responsáveis de crianças nestes níveis podem aumentar as repetições por fase e aplicar lições do dia a dia dentro de cada uma até perceberem que elas estão prontas para a fase seguinte. Vocês têm a capacidade de perceber isso. Vão em frente.

Um pouco mais sobre as adaptações

Fase 1

O Método MAMA é inicialmente fônico, quer dizer, não falamos o nome da letra; fazemos o seu som. Essa é a primeira adaptação para o F70. Reduzimos a importância do som (fonema), dependendo da dificuldade do aluno F70, porque já sentimos de imediato tal dificuldade. Assim, precisamos logo utilizar palavras com o fonema. Por exemplo, nessa fase, Fase 1, são apresentadas as vogais e a letra “p”. Mas não falamos que essa é a letra “PE”; dizemos que “isso tem o som de P”. Consegue fazer o som da letra P sem colocar uma vogal depois dela? É difícil: sai um “ê” reduzido ao final, mas ainda achamos melhor que um redondo “pê”

O F70, de maneira geral, tem essa dificuldade. Outro traço comum no F70 é dele(a) não olhar para você, quer dizer, isso não está associado somente ao aluno autista (TEA). Então você precisa pedir para ele olhar para a sua boca, com frequência. Se a dificuldade persistir, terá de pedir para ele olhar para sua boca e repetir palavras com essa letra: PATO, PANO, PAPAI, PÉ, PUM, PUDIM, PEDRA PIUPIU ...

Então, vamos começar.

A primeira adaptação é a abordagem com a família. No método MAMA original, esse apoio já é solicitado. Mas no caso de F70, TDAH e TEA, a conversa precisa ser muito mais séria; o comprometimento tem de ser assegurado pela família. Busque uma reunião formal. Tem de ser uma reunião

só para isso, com pauta sobre horários, exercícios, a arrumação do espaço em casa para o aluno, a proibição de faltas ou atrasos em relação às aulas com o professor.

Sim, eu sei. Diversos programas para crianças carentes só podem ter sucesso se nos adaptarmos à rotina dos pais; qualquer coisa que atrapalhe os pais inviabiliza o processo. Mas nos casos daqueles com TDA ou que são F70, os pais terão de se dobrar e atender às exigências, porque cada falta do aluno representa um forte retrocesso e o professor não conseguirá sair do lugar, quer dizer, não conseguirá passar de determinado nível.

O trabalho. Qual será o trabalho do F70 a partir do primeiro dia de aula? Sim, essa é a mais importante adaptação.

O trabalho é a prática. Por isso é a coisa mais importante na sedimentação.

Seja em uma fazenda ou em um apartamento, o trabalho (a prática) começa logo após o primeiro dia de aula. Se o aluno já tem um trabalho, a adaptação do trabalho existente para a fixação do aprendizado também será assim: logo após a primeira aula.

Para isso, a família tem de pensar e o professor vai ajudar.

O trabalho, no início, será uma diversão ou uma rotina em casa relacionada aos ensinamentos de cada fase e de forma cumulativa, quer dizer, não se abandona o aprendizado das fases anteriores.

Voltando ao método, houve a adaptação na execução: a leitura, como visto, é particionada.

A leitura é o processo cansativo. Muito cansativo. Porque é o momento em que o aluno tem de fazer o processo codificação→decodificação com alguma velocidade e ele acabou de “codificar” , quer dizer, ele criou o código: que a letra “a” tem o som “a” (codificou). E quando ele vê a letra “a” e dirá que ela significa o som ”a” (decodificou).

Isso é um esforço tremendo. E até para crianças normais isso acontece e depende de diversos fatores.

Fase 2

As decisões de adaptações, na Fase 2, dirão muito das adaptações nas próximas fases. Elas ocorrerão de acordo com a retenção do conhecimento e com o apoio da família. COM O APOIO DA FAMÍLIA. Dependendo do resultado, se a família não estiver ajudando com os jogos e exercícios em casa, a única alternativa para o professor será ampliar o número de aulas por semana, para ter sucesso. E esse apoio precisará ser até a total sedimentação, com pena de se perder tudo.

Dessa forma, outra adaptação obrigatória do Método MAMA, principalmente para os F70, é, antes de entrar na fase seguinte, fazer a avaliação do que ficou retido na fase anterior. Do mais complexo ao mais fácil. Como assim? Iniciar pela formação de expressões. Por exemplo:

1 - *é o pato papai*. Se for positivo,

passar para a próxima fase. Se negativo:

2 – peça para ele repetir o que você vai fazer. Você vai falar a frase acima, cortando as sílabas, batendo leve na mesa com seu dedo, sílaba por sílaba: é / o / pa / to / pa / pai . Se agora der certo, passe ao número ... VAMOS VER HOJE

Talvez, o primeiro exercício: forme/escreva como se faz “PA”. “fônico”

oi papai . Se positivo, voltar ao número 1. Se negativo:

3 – papai . Se positivo, voltar ao número 2. Se negativo:

4 – Voltar aos quadradinhos. Se positivo, voltar ao 3. Se negativo:

5 – analisar e reorganizar a frequência dos encontros e pedir mais apoio da família.

6 – Se forem feitas as devidas modificações e ainda assim o aluno não sair do 4, a família deve voltar ao médico para uma nova avaliação de inteligência, pois o aluno pode não estar no nível F70 ou ter alguma característica que exija nova adaptação do método.

Outra adaptação necessária do Método MAMA para o F70 foi a inserção de quebras na última parte de cada fase. Lembrando o MAMA, em cada fase: parte 1 – ensino, parte 2 – jogo 1, parte 3 – jogo 2, parte 3 – leitura. As partes 2 e 3, dos jogos, podem ser 3, 2 ou um único jogo. Tudo depende do aluno, da cultura etc. Mas a parte cansativa para a criança,

F70, adulto ou idoso, é a leitura. Têm crianças que aguentam 5 linhas de “esforço de decodificação”, outras não aguentam uma linha.

No caso desse F70, ele já chutava ou tentava adivinhar a partir da terceira linha.

Quando o F70 é um adulto, e é F70.0, quer dizer, tem um bom comportamento, é mais acessível, uma conversa com ele, uma conscientização faz ele aguentar mais um pouco. Mas quando percebemos que é o cansaço mental mesmo, precisamos quebrar a sequência de leitura.

Nesse caso, a leitura do final do segundo dia, a parte 4 – leitura, foi quebrada em seis partes. Entre cada uma teve exercícios de psicomotricidade, através de desenhos ou mesmo de cópia e passar por cima de palavras/letras, como outras distrações, até tocar gaita. O ideal é trabalhar sem o ideal.

O que uma criança normal poderia fazer em um único dia ou em dois, ele estava fazendo no quinto dia. E, para tanto, precisou fazer muitos exercícios de repetição, principalmente com a utilização da escrita, nos pontos de travamento, como visto anteriormente, “mor”, “bom”, “da” confundindo com “pa”, problemas com o “s” e com o “v”.

Diferentemente de aulas convencionais, não se começa uma aula do Método MAMA com quebra-gelo, uma vez que quando o aluno chega é quando ele está mais acordado e atento. O aluno não está em uma sala de aula, entre uma matéria e outra. Esse nível de atenção precisa ser aproveitado para o teste ou revisão de início. E é só após isso

que começa o conteúdo da próxima aula. Caso já se perceba um cansaço após essa revisão do aprendizado/teste, pode-se repetir o jogo da fase anterior ou outra atividade para relaxar e acordar novamente.

Isso não ocorre com crianças normais, porque elas assimilam quase sempre tudo de cada aula. Se fica alguma dúvida pequena, a leitura da parte 4, como é cumulativa, identifica e quase sempre resolve.

Fase 3

O desejo de chegar à Fase 3 era grande, pois a consideramos o primeiro porto seguro para os F70. Como assim?

A Fase 3, concluída, oferece um volume de possibilidades para a leitura (um volume de códigos) que já nos permite uma boa adaptação à vida do aluno. Portanto, isso também permite a sedimentação, através da prática, utilizando a leitura para lhe dar prazer. Ele tem mais prazer, porque está usando a leitura para outras coisas que são boas para ele.

Lembrando que esses princípios de adaptação à realidade do aluno são anteriores a Emídeo Nérice, de 1960. Trabalhar com a realidade aumenta a prática do aluno e ao mesmo tempo dá a ele mais prazer, o que facilita o aprendizado, pois aumenta a atenção e reduz o cansaço. É uma das funções obrigatórias a qualquer professor: estudar o mundo do aluno e adaptar.

Naturalmente, por tudo isso, foi necessário um grande esforço de estudo do dia a dia do aluno e dos negócios ou áreas com os quais ele estava envolvido.

Assim, tendo chegado e assimilado (nível três), começa a adaptação ao micromundo do aluno, mostrando as letras em cursiva, do nível, e as respectivas letras de imprensa, com ênfase no a e no e, pela grande diferença e por serem letras tão presentes no vocabulário português.

Outra difícil decisão, que dependerá do micromundo do aluno, é como administrar a inserção da letra de imprensa a ponto dela não prejudicar a escrita em cursiva. Porque, como vimos, a escrita é um importante aliado no relaxamento, no descanso mental, ao mesmo tempo em que a criança está sedimentando o conhecimento adquirido. A cursiva é a escrita com as letrinhas ligadas (sem tirar a ponta da caneta do papel). Mas a presença da letra de imprensa pode inevitavelmente direcionar a criança para escrever desta forma: escrever com a letra de imprensa. Sem problemas. Só não podemos nos esquecer de que, com isso, a criança pode não desenvolver velocidade, e isso vir a ser um limitador mais tarde, caso ela queira maiores desafios intelectuais no futuro. Existem crianças que escrevem rapidamente, usando uma escrita mista (meio cursiva meio imprensa). Mas elas normalmente aprenderam na cursiva e, só com o tempo, foram desenvolvendo uma escrita particular, transformando algumas letras cursivas em letras de imprensa. Então, acreditamos, pelos estudos desenvolvidos até o momento, que ficar o treino um pouco mais de tempo na cursiva seja mais interessante.

Antes de entrarmos na Fase 4, já tínhamos, em excesso: atividades de escrita como sedimentação do aprendizado, jogos de ligação (ligue/liga), exercícios para corrigir o enraizamento de códigos fonéticos errados (c somente com o som s, por conta do nome “letra c”. O mesmo com g, focado no som “j”), ensino da correspondência entre as letras cursiva e de imprensa, para já aplicar no mundo real e do trabalho.

Os pais ajudaram com exercícios passados para casa, como o jogo rápido e passando algumas vezes o Vídeo 3 do “aprender a ler método MAMA” do YouTube”.

Apesar de alguma insegurança, entramos na Fase 4.

O cuidado necessário é sempre repetir todo o aprendizado anterior antes de avançar, porque o grande inimigo é o esquecimento.

As dificuldades de transportar o aprendizado para o mundo real, visando sedimentar através da prática do dia a dia, são muitas: no desenho do tipo (fonte), no que se compra no mercado ou no varejo, nos restaurantes, nos letrados, nos ônibus e até nos livros.

Como falamos, o maior problema do F70 é o esquecimento, o do TDA(H), a concentração, o foco... a atenção, e do TEA, o controle. Para o F70, ele precisa praticar imediatamente o que aprende. Para o TDA, fazê-lo voltar, mantendo a empatia e o prazer. Entretanto, como queremos que eles todos também escrevam, embora não seja um objetivo do Método MAMA, mantivemos a cursiva como letra inicial e de aprendizado da leitura, para desenvolver a escrita ao mesmo tempo que estuda a leitura em cursiva. Mas, logo

depois que aprendem “bolo”, precisam treinar isso indo ao mercado comprar um bolo. Ao chegar lá, provavelmente encontrarão algo assim “bolo” e não assim *bolo*. Pior que isso, provavelmente encontrarão uma letra ainda mais

estilizada, como, por exemplo: *Bola* ou

Bolo . Como eles não aguentam o excesso de

conteúdo, cada um com seus motivos, precisamos, invés de ensinar uma nova letra (símbolo/som), ensinar outro símbolo

do mesmo som: *l* é **l** . E tudo isso, trabalhando o micromundo do aluno.

Foi feita a pesquisa no micromundo, do trabalho e das preferências somente, porque é perigoso entrar no micromundo familiar do aluno, pois é comum existirem problemas que não podem ser revelados ao professor. E, quando acontece, a família prefere retirá-lo do aprendizado do que se expor.

O professor desses tipos de alunos precisa ter mais paciência e amor que qualquer outro professor, porque isso não diz respeito somente ao aluno, mas também ao mundo em que vive e às pessoas que o rodeiam. A relação do professor com os familiares e com os empregadores do aluno,

quando ele está trabalhando, exige que o professor seja muito observador e que ele tenha uma boa capacidade de negociação, convencimento, flexibilidade e adaptabilidade.

Como pode ser visto no diário anterior, na Fase 4 já tínhamos: um bom volume de fonemas aprendidos e codificados, um bom envolvimento no trabalho, nas casas e nas aulas e os óculos corretos. Quando os óculos chegaram (F70), a diferença foi nítida.

A grande questão que voltou a aparecer foi a necessidade do reforço dos fonemas únicos (monofonia) e o retreinamento do movimento ocular com ênfase na sequência de cada letra (código). Como dissemos, é mais fácil ensinar crianças com problemas ou deficiências do que adultos com os mesmos problemas e as mesmas deficiências, porque os adultos passaram por anos enraizando coisas erradas ou incompletas.

Quer dizer, é fundamental perceber se o aluno está correndo demais os olhos, saltando ou obedecendo a ordem certa de movimento ocular. Identificado mesmo que um só desses problemas, será obrigatória a aula com muita calma sobre isso e praticando a separação das letras e de seus respectivos sons. Essa partição precisa ser nítida, às vezes cortada com um traço de caneta, e/ou com o uso de uma máscara que cubra toda a palavra e vá deslizando mostrando letra a letra, enfatizando fonema a fonema (som a som). Muito provavelmente nessa hora também aparecerão as falhas de codificação, quer dizer, códigos cujos sons não foram memorizados.

Nesse estágio do processo, temos a oportunidade de corrigir todos os erros, temos volume para a prática do dia a dia, também podemos aproveitar para desenvolver mais a escrita, sedimentando ainda mais o que já foi assimilado.

O porto seguro pode ser aproveitado, com menos cansaço para professor e aluno. Isso não quer dizer menos carga, mas podem ser menos coisas novas, o que invariavelmente torna as aulas mais leves, mais lúdicas e mais psicomotoras.

Entretanto, não se pode esquecer do objetivo maior, que é ler completamente.

As fases 3, 4, 5, 6 e 7 podem demorar de duas a três semanas cada. Isso quer dizer que essas crianças e esses jovens podem estar lendo, com lentidão, entre dois e três meses, se o professor conseguir articular as necessidades de todos.

Mas não pode haver paradas, faltas, principalmente não se pode deixar de repetir o aprendizado anterior, em todas as aulas, porque tudo que não for repetido será esquecido. E após o término do aprendizado, voltando, a criança precisará ter uma ocupação que envolva bastante a leitura, por no mínimo seis meses. Caso contrário, esquecerá quase tudo.

Adaptações para TDA e TEA

Naturalmente, no caso do TEA, se for 6A02.0, acreditamos que a sedimentação de três meses é suficiente. O mesmo para o TDA.

17.Conclusão e novos estudos

Esse trabalho mostra que precisamos ter amostras maiores para construir parâmetros importantes como: por quanto tempo devemos sedimentar o aprendizado da leitura de um F70, um TDA, um TDAH e um TEA, principalmente após a assimilação da Fase 3 e após a assimilação de todo o conteúdo do Método MAMA de Alfabetização. Lembrando que o método não sedimenta as diferenças entre gue e que, gui e qui, nem os códigos raros no português, como: k, w e y. Quer dizer, ele equivale ao primeiro ano do Ensino Fundamental do Primeiro Ciclo.

Também observamos jovens e um jovem adulto. Logo, não sabemos se uma criança entre quatro e sete anos terá o mesmo comportamento ou a mesma assimilação, bem como crianças dos oito aos quinze anos de idade. Entretanto, o método obteve os resultados esperados, se mostrando uma alternativa a ser cogitada nesse processo.

Temos agora a possibilidade de tentarmos a aplicação em uma criança com autismo nível três, no Paraná. Por que não primeiro o nível dois? Não é fácil

encontrarmos os necessitados dentro de um contexto que nos permita a continuidade; a vida deles e de seus familiares passa por muitos desafios. Por isso, para darmos alguma contribuição, começamos pelo primeiro nível em cada categoria, mas reconhecemos que precisamos nos aprimorar tanto nesse patamar quanto nos mais severos. Esperamos continuar contribuindo, mas, para isso, precisamos de demandas. Estamos aqui. Enviem as demandas. Esse trabalho é filantrópico; não há custos.

Tudo pelas crianças.

Ensinar tudo, a todos, de todas as formas. Ensinar para sempre.

Bibliografia Física e Telematizada

CAMPIONE, Joseph C., BROWN, Ann L. and FERRARA, Roberta A. Handbook of Human Intelligence. Cambridge University Press. 392-556. New York 1982. Mental Retardation and Intelligence.

DIAMOND, Adele. Attention-deficit disorder, attention-deficit hyperactivity disorder without hyperactivity: A neurobiologically and behaviorally distinct disorder from attention-deficit hyperactivity disorder with hyperactivity. Development and Psychopathology 17 2005, 807–825 Copyright © 2005 Cambridge University Press Printed in the United States of America DOI: 10.1017/S0954579405050388

DUARTE, Regina Célia Beltrão. Deficiência Intelectual na Criança. Residência Pediátrica (Publicação Oficial da Sociedade Brasileira de Pediatria). Belém PA, 08/2018.

NÉRICI, Imídeo Giuseppe. Introdução à Didática Geral. São Paulo, Ed. Fundo de Cultura, 1960.

SILVA, Maria Luiz Quaresma Soares da. Desempenho em leitura e escrita de alunos com diagnóstico de TDAH. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Educação. Universidade Federal do Paraná. 2006.

LORD, Catherine, ELSABBAGH, Mayada and BAIRD, Gillian. **Autism Spectrum Disorder**. The Lancet/Elsevier/Scimedirect. Volume 392, Issue 10146, 11–17 August 2018, Pages 508-520.
<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0140673618311292>

Shultz Ashley, Gwendolyn, "The effects of great leaps reading on the reading fluency of elementary students with reading and behavioral deficits." (2021). Electronic Theses and Dissertations. Paper 3656.
<https://doi.org/10.1590/S0021-75572004000300009>
<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0140673618311292>

ROHDE, Luis A. e HALPERN, Ricardo. Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade: atualização. Hospital Federal do Rio Grande do Sul, Hospital das Clínicas e Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre. Rio Grande do Sul, 2004.
<https://doi.org/10.18297/etd/3656>

Ob.: As referências bibliográficas do método estão no livro A Lua ou um Menino.